

figuras são sistematicamente enquadradas topográfica e historicamente. Além disso, o autor usa de outros recursos da técnica exegética, mantendo sempre, contudo, uma linguagem simples e cordial. Cada texto é breve, não ocupando mais que uma a duas páginas do livro.

RAUL AMADO

MARTINI, Carlo M., e SPORSCHILL, Georg, **Coloquios nocturnos en Jerusalén**, col. «Caminos» 28, San Pablo (e-mail: ventas@sanpablo.es), Madrid, 2008 (2ª ed.), 194 p., 210 x 135, cartonado, ISBN 978-84-285-3383-6.

Este livro tem feito sucesso, valeu comentários na comunicação social e, em poucos meses, já vai na 2ª edição. Será talvez um best-seller. Isso se explica antes de mais pelos autores: o Cardeal Martini e «o austríaco do ano» em 2004 e Prémio Albert Schweitzer, G. Sporschill. Os dois são jesuítas e passaram, em Jerusalém (onde, como se sabe, vive o Arcebispo Emérito de Milão), longas horas em diálogo pela noite dentro sobre a Igreja do futuro.

O Cardeal Martini é um homem de ciência (bíblica e teológica), de experiência pastoral e de muita sabedoria. O p. Sporschill trabalha com crianças da rua e jovens desamparados. São sobretudo as questões que emergem exactamente dos jovens a respeito da Igreja que inspiram e suscitam as questões deste longo diálogo. E que orientam as respostas no sentido da procura de aberturas para uma Igreja do futuro que seja, como se exprime Sporschill, «uma Igreja audaz e credível». Tudo numa conversa nocturna, simbolicamente a sugerir a situação presente da Igreja que, na incerteza dos tempos espera ver raiar tempos melhores.

RAUL AMADO

## RELIGIÃO / CRISTIANISMO

POULAT, Émile, **France chrétienne, France laïque. Ce qui meurt et ce qui naît. Entretiens avec Danièle Masson**, Desclée de Brouwer, Paris, 2008, 286 p., 210 x 140, ISBN 978-2-220-06012-5.

Émile Poulat, autor de numerosas obras de títulos e conteúdos bem significativos, como, p. ex., *L'ère postchrétienne* (1994) ou *Où va le christianisme?* (1996), é um sociólogo e historiador que gosta de explorar um tipo de história que ele próprio designa como «a história dolorosa da Igreja» (vd. p. 105 deste livro), isto é, a história dos problemas e oposições que ela encontra, com relevo para «a oposição fundadora face à sociedade moderna» (ibid.). «Católico laico», quer dizer, que vê as coisas e as vive do lado da sociedade laicizada, muito ligado à Comunidade de Santo Egídio, de Roma. Por seu lado, Danièle Masson é uma católica de sensibilidade tradicional, que neste livro, feito em modo de conversa a dois, lhe coloca múltiplas questões respeitantes à evolução e à condição do cristianismo em França desde as Luzes e a Revolução Francesa, passando pela crise modernista e pelo Vaticano II. Ressalta no diálogo o choque entre laicismo e cristianismo, com esforço por ultrapassar ideias feitas e abrir perspectivas novas.

Ao longo das suas páginas, sempre em modo de pontos de vista de um e do outro lado, são abordados temas como: modernidade e modernismo; liberdade, liberalismo e liberdade religiosa; «agonia» do cristianismo (no sentido grego usado por M. de Unamuno, igual a combate ou drama), era pós-cristã e a questão sobre sim ou não a falência da modernidade; o cristianismo no contexto da laicidade como no interior

de uma revolução cultural; o cristianismo em face da ciência, com particular referência ao evolucionismo e à relação entre ciência e questões metafísicas; abertura ao mundo ou abertura do mundo; o princípio da separação; os «lençóis freáticos» do cristianismo ou as suas camadas profundas de onde, de vários modos, na paisagem desertificada da superfície se vê irromperem os efeitos imprevisíveis; a postura de alguns dos últimos papas; tradicionalismo, fundamentalismo e evangelismo.

O último capítulo é especialmente longo (pp. 229-271). Versa sobre o futuro da fé e da religião cristã, levando justamente por título «Quelle espérance?». Reflexões e sugestões muito pertinentes são feitas por ambas as partes. Que Deus? Que cristianismo? Que mudanças a operar? Modelos como S. João da Cruz, S. Francisco de Assis, Madre Teresa, Andrea Riccardi... Sugestão de uma «teologia interrogativa», que já não ou mais que afirmativa e mesmo simplesmente negativa. O fim da cristandade, a certeza de que o passado não volta mais e de que, como dizia L. Veuillot, «vemos o que está a morrer, mas não o que está a nascer» (cit. p. 270).

Este é um livro apaixonante: pelo seu estilo coloquial, pela categoria das questões e das respostas, pelo muito, enfim, que nele podemos aprender sobre o mundo em que estamos lançados como gente de Igreja, sobretudo como pastores, e porque nos ajuda a ver como o cristianismo e a Igreja são vistos e sentidos – e mesmo rejeitados ou desejados – do lado da cultura e da sociedade pós-cristãs, que é o mundo dos laicos, ora nossos inimigos ou adversários ora pedintes de mãos abertas à espera da nossa oferta de algo que não sabem bem o quê mas que é certamente da ordem do genuíno Evangelho de Jesus Cristo.

LUÍS SALGADO

**BENOÎT XVI, Chercher Dieu. Discours au monde de la culture, Avant-propos du Card. A. VINGT-TROIS, Commentaires de AA.VV., Éditions Parole et Silence / Lethielleux, Paris 2008, 146 p., 210 x 140, ISBN 978-2-283-61048-0.**

No interior de Bento XVI habita sempre o teólogo J. Ratzinger. Era de esperar. E ainda bem, para bem da Igreja, da religião em geral e do mundo. Na confusão actual da cultura, como textura de linhas de orientação e de desorientação em que se move o homem contemporâneo, é altamente salutar ouvir os grandes discursos do Papa actual. Eles são de tal maneira pertinentes, claros, fundamentados e mesmo literariamente cativantes, que – há testemunhos disso – os seus próprios adversários e muitos intelectuais que não se reconhecem católicos ou nem sequer crentes não se dispensam de os lerem e não se coíbem de os admirar.

O discurso ao mundo da cultura proferido em Paris, no Collège des Bernardins é um dos mais bem conseguidos. Em linguagem acessível a todos, o Papa, tendo em conta que o cenário era o de um antigo mosteiro, falou das raízes cristãs da Europa, a partir do papel dos monges na sua gestação e formação. Na base de factos históricos, contra os quais não há argumentos. Em ligação com isso, falou também das origens da teologia ocidental. E com isso fez acordar a consciência de que a Europa tem uma alma cristã e de que a sua cultura não pode prescindir de uma essencial referência a ela. E de que, se quiser encontrar um sentido para o seu futuro que seja também, em termos religiosos, um caminho de «salvação», ele não pode desviar-se daquele que se iniciou com os monges: acolhendo o que de verdadeiro e bom nos foi legado pela